



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E À DISTÂNCIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA

**EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA DANÇA E DA LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

MARIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA

**EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA DANÇA E DA LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Maria Cristina Pereira da.
Experiência de Ensino da Dança e da Luta nas Aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental II [manuscrito] : / Maria Cristina Pereira da Silva. - 2018.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física - CCBS."

1. Educação física escolar. 2. Dança. 3. Lutas marciais. I.
Título

21. ed. CDD 796

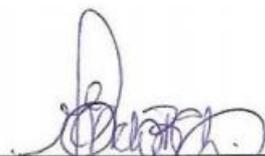
MARIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA

EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA DANÇA E DA LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II

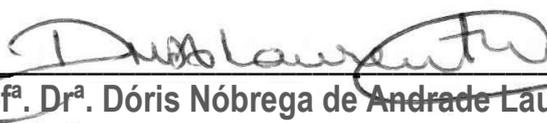
Trabalho de conclusão de curso (Relato de Experiência) apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física/PARFOR, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 04/05/2018

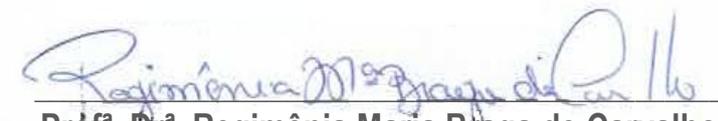
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Elaine Melo de Brito Costa Lemos / UEPB
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(UEPB)



Prof.^a Dr.^a Regimênia Maria Braga de Carvalho
(UEPB)

RESUMO

Este trabalho surge a partir de uma experiência pedagógica realizada durante as aulas de Educação Física, através do Projeto Escolar *Quem dança e quem luta? A igualdade de gênero na escola*, realizado no estágio supervisionado II do curso de licenciatura em Educação Física/PARFOR-UEPB, tendo sido desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria de Melo, situada no Sítio Maria de Melo, no município paraibano de Salgado de São Félix. Através da sequência didática utilizada e do levantamento de dados decorrentes das práticas educativas nas atividades desenvolvidas, cujo foco se refere à inquietação para realizar o trabalho que se justificou por alguns aspectos. O primeiro deles, o cotidiano de uma comunidade rural, onde alguns discursos ainda reforçam “o que é coisa de mulher e de homem”, seria a dança coisa de mulher e lutas coisa de homem? O objetivo do trabalho foi descrever e discutir aspectos da experiência de ensino da dança e da luta a partir da vivência no estágio supervisionado II, numa turma de 7º ano de uma escola pública, no que se refere à escolha de conteúdos, objetivos de aula e procedimentos metodológicos, bem como, buscar alinhar à reflexão a temática “gênero”. Nesse sentido, foram estabelecidas as seguintes problemáticas: *Existem resistências de alunos (as), nas aulas de Educação Física, na vivência com as danças e as lutas? De que forma as vivências com as danças e as lutas podem refletir sobre papéis sociais entre homens e mulheres?* Nesse sentido, sabe-se que ainda é muito forte a presença dos esportes nas aulas de Educação Física, bem como, a ausência do trato pedagógico das danças e das lutas nestas aulas na escola. Este trabalho foi realizado durante as aulas de Educação Física com uma turma de 7º ano, da escola citada. O estudo destaca que o trato pedagógico sobre os objetos de conhecimento da Educação Física tem um papel importante na abordagem do professor e da escola, pois poderá reforçar (ou não) padrões normativos, excludentes e preconceituosos sobre a vivência das danças e das lutas associadas à dimensão do gênero.

Palavras-chave: Danças. Lutas. Educação Física escolar.

ABSTRACT

This work arises from a pedagogical experience realized during the classes of Physical Education, through the School Project Who dances and who fights? Gender equality in school, carried out in the supervised stage II of the degree course in Physical Education / PARFOR-UEPB, was developed at the Maria de Melo State School of Elementary Education, located in the Maria de Melo Site, in the municipality of Salgado de They are Felix. Through the didactic sequence used and the data collection resulting from the educational practices in the developed activities, whose focus refers to the restlessness to carry out the work that was justified by some aspects. The first of them, the daily life of a rural community, where some speeches still reinforce "what is woman and man", would dance be a woman's thing and fights a man thing? The objective of this work was to describe and discuss aspects of the teaching experience of dance and the struggle from the experience in the supervised stage II, in a 7th grade class of a public school, regarding the choice of contents, class objectives and methodological procedures, as well as to seek to align the theme of "gender" with reflection. In this sense, the following problems were established: Are there resistances of students in Physical Education classes in living with dances and fights? How can living with dances and struggles reflect on social roles between men and women? In this sense, it is known that the presence of sports in Physical Education classes is still very strong, as well as the lack of pedagogical treatment of dances and fights in these classes at school. This work was carried out during the classes of Physical Education with a group of 7th year, of the mentioned school. The study emphasizes that the pedagogical treatment of Physical Education knowledge objects plays an important role in the teacher and school approach, since it may reinforce (or not) normative, exclusive and prejudiced standards on the dances and struggles associated with physical education. dimension of the gender.

Keywords: Dances. Fights Physical school education.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	6
II DESCREVENDO EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	8
2.1 Contextualizando a experiência.....	8
2.2 Apresentando conteúdos, objetivos e procedimentos metodológicos no trato das danças e das lutas nas aulas de educação física.....	8
2.3 Discutindo e analisando a escolha dos conteúdos e objetivos de aula.....	10
2.4 Discutindo e analisando os procedimentos metodológicos: alguns desafios a vencer.....	14
III CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

I INTRODUÇÃO

A Educação Física é o componente curricular que tematiza na escola as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2017, p.171).

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência das práticas é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

Dentre este conjunto de práticas corporais, têm-se as Danças e as Lutas, apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (2017), como Unidades Temáticas em seus respectivos objetos de conhecimento e ciclo escolar. No que se refere às Danças, a BNCC aponta o trato do 1º ao 9º ano do ensino fundamental a partir dos seguintes objetos de conhecimento: danças do contexto comunitário e regional, danças do Brasil e do Mundo, danças de matrizes indígenas e africanas, danças urbanas e danças de salão. Compreende-se no documento o trato dos elementos constitutivos ritmo, espaço, gesto, o sentido e o significado, os valores socioculturais, a experimentação e fruição destas danças.

A Unidade Temática Lutas tratada pela BNCC (BRASIL, 2017) do 3º ao 9º ano do ensino fundamental, tendo os seguintes objetos de conhecimento: lutas do contexto comunitário e regional, lutas do Brasil e do Mundo. Nesse sentido, compreende-se que as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo de adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (judô, aikido, jiu-jitsu, muay thai, boxe, chinês boxing, esgrima, kendo etc.).

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência do Estágio Supervisionado II que elegeu a prática de ensino de lutas e danças no ensino fundamental para ser descrita e refletida. A inquietação para realizar o trabalho justificou-se por alguns aspectos. O primeiro deles, o cotidiano

de uma comunidade rural, onde alguns discursos ainda reforçam “o que é coisa de mulher e de homem”, seria a dança coisa de mulher e lutas coisa de homem? Nesse sentido, sabe-se que ainda é muito forte a presença dos esportes nas aulas de Educação Física, bem como, a ausência do trato pedagógico das danças e das lutas nestas aulas na escola.

O objetivo central desse trabalho foi descrever e discutir aspectos da experiência de ensino da dança e da luta a partir da vivência no estágio supervisionado II, numa turma de 7º ano de uma escola pública, no que se refere à escolha de conteúdos, objetivos de aula e procedimentos metodológicos, bem como, buscar alinhar à reflexão a temática “gênero”. De forma que, o presente trabalho estabeleceu como objetivos: 1. As seguintes questões de estudo: *Existem resistências de alunos (as), nas aulas de Educação Física, na vivência com as danças e as lutas? De que forma as vivências com as danças e as lutas podem refletir sobre papéis sociais entre homens e mulheres?*

A relevância deste trabalho destaca-se inicialmente por tratar a experiência de ensino de dois objetos de conhecimento pouco explorado na escola, nas aulas de Educação Física, bem como, possibilita a escola refletir sobre a importância de projetos educativos que tematizam dimensões cruciais para a vida em sociedade seja no dentro ou fora da escola. Vislumbra-se nesse sentido, que a partir da elaboração, aprovação e execução do Projeto educativo elaborado para o estágio supervisionado possa minimizar ou fazer refletir sobre a discriminação e o preconceito sobre as danças e lutas, de forma que os (as) alunos (as), independentemente do gênero, possam compartilhar seus saberes e viver igualitariamente em sociedade e especialmente na escola.

O trabalho apresentado é de fundamental importância no intuito de buscar melhorias significativas no processo de ensino aprendizagem, desmistificando a vivência da dança e da luta. Além de apresentar a comunidade escolar uma ação coletiva que trate temas relacionados às práticas sociais, propiciando horizontes de sentido para o cotidiano dos professores da instituição, onde o desinteresse e falta de motivação prevalece no ambiente educativo.

II DESCREVENDO EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

2.1 Contextualizando a experiência

O Estágio Supervisionado II foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria de Melo com uma (01) turma de 7º ano do ensino fundamental para tratar as Danças e Lutas, norteando-se pela BNCC (2017). Destaca-se que a partir do 6º ano, o documento prevê-se que os (as) estudantes possam ter acesso a um conhecimento mais aprofundado de algumas das práticas corporais, como também sua realização em contextos de lazer e saúde, dentro e fora da escola. (p. 189).

De acordo com a BNCC, os 6º e 7º ano do ensino fundamental trata dentre os objetos de conhecimento Danças urbanas e lutas do Brasil; os 8º e 9º ano Danças de salão e lutas do mundo. Com base nestes objetos de conhecimento foi elaborado juntamente com os (as) alunos (as) o Projeto escolar/educativo *Quem dança e quem luta? A igualdade de gênero na escola* que foi desenvolvido numa perspectiva de compartilhar saberes, conhecimento e contribuir para a formação de sujeito reflexivo, livre e autônomo.

2.2 Apresentando conteúdos, objetivos e procedimentos metodológicos no trato das danças e das lutas nas aulas de educação física.

AULA 1

Conteúdo: Aspectos gerais sobre as danças e as lutas

Objetivo de aula: Conhecer sobre a dança e a luta apresentando os conceitos, aspectos históricos, gênero e atualidade. Apresentar as Danças Urbanas, experimentar e fruir danças urbanas, identificar seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos). Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas. Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais.

Procedimentos metodológicos – Exposição pelo professor, através de slides com registro fotográfico de alguns eventos realizados no Brasil.

AULA 2

Conteúdo - Introdução ao Maculelê (origem, características e gestos).

Objetivo de aula - Conhecer o Maculelê como dança de matriz afro-indígena, sua origem e características.

Procedimentos metodológicos – Exposição pelo professor, Experimentação de alongamentos, da ginga, experimentação e fruição de frases coreográficas do Maculelê em grupos dois grandes grupos, por fim, roda de conversa.

AULA 3

Conteúdo – Lutas, construção de valores e a ginga da capoeira.

Objetivo de aula: Identificar e refletir sobre preconceitos e estereótipos de gênero, sociais e étnico-raciais relacionados ao universo das lutas. Estabelecer acordos objetivando a construção de interações referenciadas na solidariedade, justiça, equidade e respeito.

Procedimentos metodológicos: Experimentação e recriação de frases coreográficas em roda de conversa para exposição de reflexões sobre a prática e a construção do conhecimento, suas vivências na escola e na sociedade.

AULA 4

Conteúdo: Capoeira e construção de valores.

Objetivo da aula: Refletir sobre as lutas na atualidade a partir do cotidiano dentro e fora da escola. Vivenciar a gestualidade das lutas na ginga da capoeira.

Procedimentos metodológicos: Formação de grupos mistos para o trabalho em equipe na vivência da dança e roda de conversa.

AULA 5

Conteúdo - Tipos de danças e lutas e suas características principais na sociedade. Composição coreográfica.

Objetivo da aula - Identificar alguns dos diferentes tipos de danças e de lutas. Refletir sobre o sentido e significado das danças e das lutas na sociedade. Experimentação e recriação das danças.

Procedimentos metodológicos e avaliativos – Trabalho em grupo com construção de frases coreográficas e produção de cartazes que reflitam sobre os tipos de danças e lutas, bem como o sentido e o significado das mesmas.

AULA 6

Conteúdo - Danças e lutas regionais: aspectos conceituais e gestuais.

Objetivo da aula – Experimentar gestos de danças e de lutas, de forma lúdica e com respeito às diferenças (de gênero, de habilidades, de pessoas com deficiências físicas ou mentais).

Procedimentos metodológicos - Roda de conversa discutindo conteúdos já vivenciados, retomando relatos de alunos (as), tempestade de ideia identificando conceitos sobre a dança e o que eles (as) conhecem sobre as danças e exposição pelo professor, em círculo, para refletir sobre os apontamentos dos alunos (as) e construir coletivamente conceitos e identificar tipos de danças e lutas mais conhecidas na região e seus principais benefícios para o corpo.

AULA 7 - A CULMINÂNCIA

Após exposição de todos os conteúdos abordados durante o terceiro bimestre. A culminância do projeto foi realizada na última semana do 3º bimestre com apresentação cultural das turmas da escola, com apresentações de cartazes, poemas e apresentações de danças e lutas regionais e nacionais. Proporcionando uma integração coletiva e heterogênea. As atividades realizadas dentro da escola com o conteúdo de dança e luta. As turmas apresentaram danças coreografadas abordando o tema “*Quem luta e quem dança? A igualdade de gênero na escola*” com apresentações de forró tradicional, Carimbó e o Xaxado representando algumas das danças nordestinas que são vivenciadas por diferentes gêneros.

Nesse momento, foi convidado o monitor do Programa Mais Educação para abordar sobre a Capoeira e apresentar o grupo de Capoeira juntamente com o nosso grupo incluindo a turma pesquisada com meninos e meninas, além de apresentar o Maculelê para a escola como dança originalmente dançada somente por homens, mas hoje também vivenciada por mulheres. Nessa grande aula, foi apresentada também a Ciranda numa experiência coletiva entre meninas e meninos.

Interessante destacar que a culminância (aula 7) foi além dos muros da escola, abrindo espaço para participação da comunidade local, pais e responsáveis pelos alunos, os mesmos vieram até a escola para prestigiar e participar do evento.

2.3 DISCUTINDO E ANALISANDO A ESCOLHA DOS CONTEÚDOS E OBJETIVOS DE AULA

A Educação Física, como área do conhecimento e disciplina curricular, não pode estar aquém de um saber sistematizado, contextualizando o indivíduo no seu próprio meio, por meio da teoria e da prática educacional. Nesse propósito, a dança apresenta-se como uma das atividades

completas por concorrer de forma acentuada para o desenvolvimento integral do ser humano. Para Pinheiro (2004), *a Educação Física, desenvolvida de forma consciente, respeita as diferenças [...], ou seja, as individualidades de cada um e não dicotomiza o ser humano, não separando o corpo físico do mental, entendo que ambos funcionam de modo integral.* (p. 32).

Porém, na especificidade da Educação Física, tanto os conteúdos (objetos de conhecimentos) e objetivos de aula foram articulados à BNCC, documento que norteia o currículo escolar em todo o Brasil a partir da homologação em 2017. Nesse sentido, de acordo com tais pressupostos e em articulação com as competências gerais apresentadas pela BNCC e as competências específicas da área de Linguagens, a qual o Estágio Supervisionado II buscou dialogar e garantir aos alunos o desenvolvimento de competências Específicas.

A história das lutas e danças no Brasil nos faz refletir a respeito da importância da igualdade de gênero e do respeito para com o ser humano. Durante as aulas buscou-se desmitificar tabus e estabelecer novos conceitos e informações formais e informais sobre o regionalismo e a cultura destas práticas corporais. Na aula 1, por exemplo, destacou-se que ao longo dos anos as danças e lutas passaram a ser patrimônio da humanidade, mas, essa conquista não levou a ser popularmente igualitária para todos os membros da sociedade, desse modo até hoje existe grande discriminação acerca de quem dança e quem luta.

A escolha dos conteúdos e dos objetivos de aula no sentido dos alunos conhecerem e refletirem sobre aspectos da trajetória sócio histórica das danças e das lutas na contemporaneidade e a inclusão de gênero ao longo dos tempos podia se tornar um desafio que iria exigir, como ocorreu na aula 1, mas ao mesmo tempo revelou-se outros horizontes de sentido para as questões de Ser mulher e homem na sociedade contemporânea a partir de aulas posteriores (aula 5, 6 e 7).

Fato é que esse processo de novas configurações para a vivência das práticas corporais para além do gênero ainda pulsam entre jovens em idade escolar, como se revelou na experiência do estágio supervisionado II. Os (as) estudantes, de um modo geral, revelaram que apesar das mudanças ocorridas na sociedade, os professores podem deparar-se com situações que os levem ao constrangimento, como no caso de presenciar jovens adolescentes em comum acordo, com a desigualdade de gênero ou até mesmo de raça, não abraçarem a cultura de paz principalmente dentro das escolas. A idade dos estudantes na experiência do estágio supervisionado trouxe o perfil da adolescência, fase da vida cheia de insegurança e incertezas, de crises e, ao mesmo tempo, a necessidade de apoio, liberdade e emancipação na sociedade.

Outro acontecimento na vivência dos conteúdos ainda foi o relato de alunos que “dança é coisa de mulher”. Porém, depois de muitos relatos vividos por ambos os sexos e lutas constantes de desmitificação do tema, muitos adeptos vem conseguindo conquistar espaço e se colocar entre a luta

e a dança dando igual valor para ambos os sexos, onde a fragilidade da mulher supostamente dita acaba dentro da roda de capoeira, como presenciado durante as aulas, a exemplo da aula 7, fazendo movimento de performance tal qual qualquer outro homem, sem constrangimento. Da mesma forma no mundo da dança, levando homens a palcos de apresentações significativas demonstrando ali para que veio com toda precisão de movimentos e suavidade de deslocamentos em passos coreografados.

As dimensões históricas sobre o Maculelê e sua forte predominância na Bahia, tendo a dança como espelho onde inicialmente só participavam homens desferindo e aparando golpes no ritmo da música em línguas africanas, indígenas e portuguesa. Coreografando alguns passos só com meninos e outros só com meninas. Assim também com a Capoeira (aula 4) como uma luta também origem africana, predominante no estado da Bahia. A habilidade posta pela BNCC a qual essa aula esteve relacionada foi *experimental e fruir diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente. Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil.*

Nas aulas 3, 4 e 5 os alunos tiveram espaço para expor e refletir sobre as vivências com as lutas e as danças e o que aprenderam com elas. Para alguns dos alunos, a dança está relacionada ao preconceito, mencionaram danças que demonstram apologia ao corpo sensual, ao sexo e às drogas, etc. Quanto à capoeira, para eles existe um suposto preconceito não se sabe de certo se é de raça ou por não ser comum à prática de tais movimentos, alguns alunos relataram que participam na escola, mas seus pais não permitem sua prática fora da mesma, sendo assim marginalizada ainda por muitos não conhecer a história e a cultura no Brasil.

Na aula 3, por exemplo, observou-se que a visão tradicional da cultura corporal, que vem se modificando, atualmente, existe uma melhor compreensão dos valores formativos e criativos da dança, que levam a uma ampliação das ações corporais. Diante de relatos dos alunos (as) foi pedido que eles (as) se posicionassem e formassem suas opiniões próprias levando a acabar ou minimizar com tais preconceitos e discriminações.

Na aula 5, para se apontar a importância da vivência na sala de aula na construção e proposição do uso das danças e das lutas na vida cotidiana, teve-se que destacar a origem e a diversidade em cada conteúdo. De forma a mostrar que a dança é importante para a formação humana, na medida em que possibilita experiências dos (as) alunos (as), bem como proporciona novos olhares para o mundo, envolvendo a sensibilização e conscientização de valores, atitudes e ações cotidianas na sociedade. Além disso, foi despertado a curiosidade e aprimoramento do conhecimento científico sobre o tema, ao ampliar a imaginação dos alunos na confecção de cartazes e montagem de frases de movimentos originais e atualizadas.

Como trata Nanni (1998) a respeito da dança, ela tinha características lúdicas e ritualísticas,

nas quais ocorriam manifestações de alegria pela caça e pesca ou dramatizações pelos nascimentos e funerais. Percebe-se que os acontecimentos importantes e significativos, na sociedade antiga, ocorriam com uma constante participação corporal. Afirma a autora: *as danças, em todas as épocas da história e/ou espaço geográfico, para todos os povos é representação de suas manifestações, de seus “estados de espírito”, por meios de emoções, de expressão e comunicação do ser e de suas características culturais.* (p.7).

De acordo com Verderi (2000), movimentos organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. De acordo com a autora, as danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas.

No trato do conteúdo composição coreográfica, na aula 5, a futura professora de Educação Física, na vivência de seu estágio supervisionado 3, pôde proporcionar aos alunos(as) a discussão com os jovens alunos suas próprias práticas, de forma a despertá-los para seus próprios corpos e a importância de dançar na escola e fora dela. Destaca-se que a vivência da coreografia por si só não garante o estabelecimento de relações entre as práticas de dança realizadas na escola e a dança produzida na sociedade, como bem trata Marques (2005, p.79.). Segue a autora afirmando que no Brasil, a maioria dos professores de Arte, assim como os professores de dança em academias, estão principalmente preocupados com o fazer dança, de forma mais ou menos “criativa” ou “coreológica”. Como consequências, nos últimos anos têm assistido a um processo de ensino de arte e de dança em algumas escolas brasileiras que estão sendo privadas dos elementos estéticos e artísticos da arte.

Para Marques (2005) a valorização da dança como forma de conhecimento, a mudança de atitude e o nível de compromisso com a educação podem ser considerados como um salto qualitativo nos programas da rede municipal, se não o mais importante dos ganhos deste processo educacional. De acordo com Oliveira (1999), tanto a dança como a educação podem fazer parte de um projeto unificado, acreditando-se que a dança é uma manifestação cultural do ser humano e que, através da vivência contextualizada, torna-se possível o acesso a ela e a possibilidade de sua produção cultural. Assim, a escola pode possibilitar o acesso a esse patrimônio cultural, porque a dança é cultura, é história, é patrimônio da humanidade.

“Dançar é movimentar-se pelo espaço, é sentir o corpo livre, é comunicar-se consigo mesmo, é desfrutar, liberar-se. Convidar para dançar é animar, quebrar preconceitos, medos, vergonhas... O movimento é comunicação; comunicar uma mensagem é utilizar uma linguagem. A linguagem corporal, o movimento é o instrumento dessa linguagem. Para enviar essa mensagem, não se requer nenhuma condição, nem idade, nem sexo, todos os

indivíduos aceitarão, com ilusão e interesse, o gesto da comunicação corporal” (MARQUES 1999, p. 54).

De acordo com Pereira et al. (2001), a qual o presente trabalho estende para as lutas, para que os objetivos sejam alcançados em aulas de dança na escola, o conteúdo desenvolvido deve caracterizar-se por uma lógica didática com relação a seus objetivos, à organização dos conteúdos, à escolha metodológica, aos procedimentos a serem tomados. Sobretudo, todas essas decisões devem ser tomadas sob uma concepção de educação e, portanto, de Educação Física, para que efetivamente o professor venha a escolher o caminho correto para a consecução dos seus objetivos educacionais. (p. 60)

A escolha dos objetos de conhecimento das lutas e a formulação dos objetivos, por sua vez, estiveram baseadas na BNCC ao discutir nas aulas descritas com os alunos que as lutas não se remetem a uma simples briga, que toda arte marcial tem seu princípio filosófico e espiritual, sendo algo muito forte para a formação do caráter de um ser humano adulto, e assim buscam o desenvolvimento do intelecto e da personalidade, e se não obedecidos esses princípios, são abolidos da prática. De acordo com os PCN’S “caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade” (BRASIL, MEC, 1997, p. 37).

Ao final da experiência do Estágio Supervisionado foi importante o exercício de buscar alinhar a escolha e o trato dos conteúdos, bem como, a relação com as habilidades e dimensões do conhecimento apresentadas pela BNCC. Foi um exercício profissional relevante que traz o professor para além do saber fazer e provocar tensões que reflitam a vivência das danças e das lutas para além da dimensão do gênero.

2.4 DISCUTINDO E ANALISANDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ALGUNS DESAFIOS A VENCER

As dificuldades que a atividade docente encontrou no estágio supervisionado 3, no processo de ensino foram inúmeras, começando desde o espaço físico, falta de material adequado a prática e principalmente o apoio por parte do corpo docente escolar e até mesmo da gestão da escolar. Mas, tais fatores não impediram uma experiência fundamentada na criatividade e na desconstrução de ideia “cristalizadas” ao proporcionar aos alunos (as) algo diferente do habitual, apresentando o outro lado da Educação Física escolar, seus espaços conquistados ao longo da história e a importância para os dias atuais. Entendendo que esse deve ser um exercício contínuo refletindo e trocando ideias a cada dia, conquistando assim a confiança dos alunos.

As dificuldades apresentadas por alunos em grande parte das escolas públicas de todo país são unânimes no que diz respeito à inserção de uma nova prática metodológica, pois, sabemos que

para introduzir uma metodologia diferenciada ou um conteúdo novo causa um impacto forte nos alunos não acatando as mudanças no primeiro momento.

Basicamente as primeiras aulas deram um pouco de trabalho quando citamos o título do projeto, pois, os alunos pensaram que seriam trabalhadas lutas e danças de maneira tradicional e discriminatória, onde meninos lutam e meninas dançam. Sabia-se que não seria fácil, e que iria-se enfrentar muitos desafios aos quais teria que ser superados no que diz respeito a quebra tabus e representações tradicionais do senso comum.

No tocante ao Projeto Escolar “*Quem dança e quem luta? A igualdade de gênero na escola*” desencadeado pela Educação Física, o primeiro contato com o corpo docente causou desânimo total, ao apresentar o projeto para escola e pedir apoio com as outras turmas. A maioria dos docentes se recusou a participar, cada profissional colocou sua desculpa como dificuldade em trabalhar o projeto. Foi repensado o projeto e feitas algumas mudanças, entre elas a escolha de apenas uma turma da escola e com ajuda de alguns professores da escola e monitores do Programa Mais Educação que trabalha com a luta (capoeira) conseguiu-se dar andamento ao projeto.

Percebeu-se que no Ensino Fundamental, nos anos finais, os estudantes se deparam com diversos docentes, o que tornam mais complexas as interações e a sistemática de estudos. Ainda assim, os alunos nessa fase de escolarização têm maior capacidade de abstração e de acessar diferentes fontes de informação. Essas características permitem aos estudantes maior aprofundamento nos estudos das práticas corporais na escola.

Mesmo após apresentar a importância da igualdade entre os gêneros, ainda foi difícil convencer os alunos participarem das aulas práticas, tanto os meninos quanto meninas, pois os mesmos se recusavam e até usavam palavras de preconceito demonstrando que suas vivências são marcadas por preconceitos e estereótipos, especialmente aqueles relacionados à categoria gênero, suas vivências de classe funcionam como barreira a vivência de atividades culturais. Também foi questionado aos jovens sobre suas expectativas para o futuro diante da discriminação de gênero na escola e muitos continuam sem aceitar, mas, percebe-se certa mudança no comportamento dos mesmos com um olhar mais aberto para o conteúdo.

O uso da técnica de ensino 'expositiva dialogada' utilizando os recursos de slides para tratar sobre a origem da capoeira como luta nascida de um movimento de libertação dos negros e que historicamente vem sendo modificada e do Maculelê como dança, foi interessante. Num resumo da origem histórica de ambos os temas trabalhado sendo um tema de cada vez e refletindo na vivência de cada aluno, os que eles conheciam a respeito do conteúdo, se tinham vivenciado algum momento ou até mesmo participado de eventos relacionado ao tema.

A maioria tinha conhecimento e até mesmo participado de grupos de capoeira, mas, para eles a novidade foi o Maculelê, nunca se quer tinha ouvido falar, passando a conhecer a origem, seus

aspectos históricos e sua importância para a cultura nacional. Percebemos que os conhecimentos de grande parte dos alunos são limitados e restritos apenas a sala de aula, muitos deles não têm acesso ao mundo moderno ou mesmo não se interessam para assuntos da atualidade.

Constatou-se também que as experiências dos jovens com as aulas de Educação Física eram restritas aos esportes de caráter competitivo ou recreativo. Sem a intenção de excluir os esportes como objetos de conhecimento da Educação Física, mas na experiência do Estágio Supervisionado 3, foi feita a escolha por conteúdos geralmente negligenciados na escola, com isso a intenção era ampliar a vivência com outras práticas corporais, especificamente a capoeira e o Maculelê dentro da escola.

Tais conteúdos foram escolhidos propositalmente com o objetivo de confrontar na sala, manifestações de preconceito e estereótipo com relação ao gênero, mas também classe e raça que ainda interferem na sociedade. Foram proporcionados aos alunos (as) alguns movimentos e exercícios básicos de alongamento e flexibilidade para melhorar o condicionamento físico dos alunos. Durante as aulas, alguns alunos se recusaram a participar e vários comentários surgiram a respeito dos tais exercícios e de alguns movimentos. Abordamos a esportivização desse conteúdo que perderia a identidade cultural.

Daí a importância das rodas de conversa que incentivam que todos os alunos comentem as vivências, identifiquem o que foi aprendido e de que forma, ou a apresentar dúvidas, expressando sobre os diversos conteúdos trabalhados durante as aulas, de forma a estimulá-los a construção de pensamentos críticos a partir da discussão sobre a questão das lutas e dança na escola, sempre mostrando um olhar crítico e reflexivo incentivando a superação de preconceitos.

Após dias trabalhando com a turma foi sugerido que fizéssemos um evento para apresentar a escola tudo que tínhamos produzido durante as aulas com o projeto “*Quem dança e quem luta? A igualdade de gênero na escola*” a turma ficou entusiasmada com a ideia de se apresentar em grupo trazendo algo que pra eles então era novo. Foi então, apresentado alguns vídeos, onde se discutiu como seria a apresentação e todos aceitaram o desafio, apesar de alguns terem resistido, mas participaram para não desmotivar toda turma.

A temática foi introduzida através de gêneros textuais como: textos informativos e reportagens extraídas de revistas, vídeos e livros didáticos. Para desenvolver a parte prática foram trabalhadas as danças e as lutas no contexto regional e nacional. Para finalização do projeto foi apresentado em forma de culminância onde cada turma apresentou danças vivenciadas originalmente por homens e outras por mulher. Conforme a BNCC (BRASIL, 2017), é a partir do 6º ano, que os estudantes têm acesso a um conhecimento mais aprofundado de algumas das práticas corporais, como também sua realização em contextos de lazer e saúde, dentro e fora da escola.

Trabalhar projeto foi um desafio e a participação de colaboradores é fundamental para que

os objetivos sejam alcançados. A discussão sobre a igualdade de gênero na escola não compete somente a Educação Física e a Arte, pois se sabe que a luta que principalmente as mulheres vêm enfrentando ao longo dos anos na sociedade conservacionista reprodutora de injustiças. Desse modo, para avaliar os jovens e o impacto dessa metodologia em suas vidas assim como conhecimentos adquiridos ao longo desses dias, optou-se por elaborar questões objetivas de múltipla escolha, como uma das formas de avaliar, bem como, registrar o desempenho e a participação nas aulas.

Os resultados obtidos posteriormente foram discutidos e refletidos com os mesmos, no sentido de avaliarem o comportamento diante de situações de preconceito de ambos os gêneros na escola e nas demais disciplinas. Quais são as posturas utilizadas por eles nos momentos de conflitos ou reflexos acerca dos assuntos atuais.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) é importante salientar que a organização das unidades temáticas se baseia na compreensão de que o caráter lúdico está presente em todas as práticas corporais, ainda que essa não seja a finalidade da Educação Física na escola. Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos. Por essa razão, a delimitação das habilidades privilegia oito dimensões de conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão e ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário.

Associando a experiência da prática de ensino à educação popular, segundo Paulo Freire (1990), constitui-se como cultural, entendendo-se a cultura como aquela inerente aos movimentos, práticas e relações sociais humanas. Nesta perspectiva, os saberes e as práticas cotidianas das classes populares se dimensionam como cultura sendo trabalhados pedagogicamente nas ações educativas populares. Os seres humanos criam cultura na medida em que se integram às condições de seu contexto de vida, problematizando, refletindo e agindo sobre elas. Por serem autores de suas produções criam cultura. Propõe Paulo Freire uma educação que valorize e respeite as diferenças culturais e os saberes e as experiências de vida dos sujeitos, considerando que: “compreender a realidade do oprimido, refletida nas diversas formas de produção cultural – linguagem, arte, música, leva a uma compreensão melhor da expressão cultural mediante a qual as pessoas exprimem sua rebeldia contra os dominantes” (FREIRE, 1990, p. 85).

Para Nanni (1998), as experimentações das danças, por exemplo, em seus movimentos naturais devem ser espontâneas e fundamentais iterando-se de forma harmônica os domínios que se acham integrados sem predominância de uns sobre os outros. Conforme Verderi (2000), a Dança não tem regras, não tem certo, não tem errado, portanto não se devem demonstrar os movimentos,

mas sim, criar condições para que o aluno se movimente. Para a autora, esta afirmação refere-se ao ato de dançar e não de estilos.

Um fato interessante, após a culminância do projeto (aula 7), alguns pais após as apresentações se pronunciaram em favor da discussão de gênero na escola abordando também a questão de bullying, considerando que muitos desses alunos já sofreram dentro e fora da escola com apelidos e brincadeiras de mal gosto. Todos os envolvidos ficaram alegres e satisfeitos com os resultados obtidos com a execução deste projeto o que levou a escola ver a Educação Física com outro olhar. Notou-se que é um campo de conhecimento relevante para a formação dos estudantes ao tratar conteúdos específicos da área e dialogar com temas como lazer, educação, trabalho e saúde.

Ao final da experiência das aulas ministradas no estágio supervisionado II, compreende-se que se faz necessário o uso de diferentes metodologias que visem à melhoria da participação efetiva dos discentes em sala de aula e tratando de jovens ativos buscamos com o Projeto escolar e suas respectivas aulas interagir com os mesmos levando-os a repensar suas ações diante a aquisição e ampliação do conhecimento, de forma a sair do senso comum e dar fundamentação científica e sociocultural dos conteúdos vivenciados. Sendo assim, fez-se necessário um olhar diferenciado que introduziu conteúdos que os (as) alunos (as) já conheciam e que a maioria deles se identifica em alguns ambientes de seu convívio familiar ou não, como é o caso da dança e às vezes também da luta em si.

III CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira questão levantada no início deste trabalho foi se existem resistências de alunos (as), nas aulas de Educação Física, na vivência com as danças e as lutas, a descrição das aulas mostrou que sim. Com isso percebe-se que a dimensão das construções sociais estabelecidas, criadas para mulheres e homens ainda se materializam na vivência das danças e das lutas nessa turma de 7º ano do ensino fundamental. Porém, o professor precisa compreender a historicidade dos alunos, da família, da escola, de um tempo vivido, das relações entre as danças e comportamento sociais, das lutas com as representações de classe, etc. para que alunos, escola e família compreendam que as práticas corporais são construções históricas, culturais e sociais, que precisam ser tematizadas e vivenciadas na escola e fora dela também, que as danças e as lutas podem e devem ser experimentadas independentemente da questão de gênero.

A segunda questão traz a inquietação de que forma as vivências com as danças e as lutas podem refletir sobre papéis sociais entre homens e mulheres. Ao final da experiência no Estágio Supervisionado II, para responder tal questão, o trato pedagógico sobre tais objetos de

conhecimento teve um papel importante, uma vez que, dependendo da abordagem do professor e da escola, poderá reforçar padrões normativos, excludentes e preconceituosos sobre a vivência das danças e das lutas somente para a mulher ou para o homem, fazendo com que os alunos reforcem estereótipos femininos para a dança e masculinos para as lutas, logo o homem e a mulher não poderá expressá-los, pois socialmente é inaceitável. Mas, a prática de ensino, pode e deve fazer as conexões socioculturais como conhecimento da área da Educação Física; localizar a temporalidade; bem como, o sentido e o significado destas construções sociais de que homem não dança e mulher não luta.

Destaca-se que a elaboração de projetos educativos ou escolares revela-se como um importante recurso metodológico por possibilitar o (a) aluno (a) no centro do processo de aprendizagem, buscando respostas, produzindo conhecimento, resignificando seus pensamentos e atitudes diante da experiência com as práticas corporais. Outro ponto a destacar nesta experiência descrita, foi à aproximação necessária e urgente do professor de Educação Física com a BNCC, estudar, compreender o que está posto no documento, num exercício necessário frente a uma demanda posta da qual toda a comunidade escolar precisa vivenciar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 26 de agosto. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conversando com Educadores.** Roca Viva, 1990.

MARQUES, I.A. **Ensino de Dança Hoje.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

NANNI, D. **Dança Educação da Pré-Escola à Universidade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

NASCIMENTO, P. R. B; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Revista Movimento.** N.3, V.13, 2007.

OLIVEIRA, R. C. *Personal Training: uma abordagem metodológica.* São Paulo: Atheneu, 1999.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

PEREIRA, Silvia Raquel C. et al. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento.**

Revista Kinesis, Porto Alegre, v.2, n. 25, p.60-61, 2001.

VERDERI, E. B. L. P. **Dança na Escola**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.